

Oferta

ALEXANDRA VIEIRA DE ALMEIDA

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Claudia Manzolillo

IMAGEM DA CAPA: © Depositphotos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V658o ALMEIDA, Alexandra Vieira de –
Oferta / Alexandra Vieira de Almeida. – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2020.
62 p.: 21 cm.

ISBN: 978-65-5862-004-4

1. Poesia. I. Título.

CDD: B869.1

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



NADAR NO SEU MAR

No olho do reverso
da página em branco
encontro teu nome escrito
com tintas da água do mar
Pedras duras amortizam
a história de sua vida
As conchas escondem
a música de sua voz melodiosa
na altura da rocha vermelha
que encontra algas azuis
de tanto nadarem ao encontro da morte
A espuma se desfaz ao ar fresco
da madrugada incerta da memória
Seu corpo navegando nas águas
esclarecidas do tempo que vaga
na asa do barco que ilumina
com suas luzes a escuridão do mar na lua
Nadar no seu corpo marítimo
que esconde peixes coloridos
ao encontro do sol do meio-dia.

VENTO

Cerejas escondidas no vento
Explodem sóis na sua testa
tentando avisar aos seres
da escuridão que habitará o vento
Vento nas vias da lua
atiçando memórias de flores murchas
O farol ao longe ilumina o vento vadio
que corre para lá e para cá sem destino certo
Dos cachecóis do vento vejo a velhice
a naufragar sonhos da infância nas estrelas
Vento ventando na janela
esperando a moça fiar sua linda história
Vento que habita o corpo
assaltando sem espera os olhos
da névoa e da mágoa
Ventos que batem no trecho do mar
elevando a voz dos peixes e amortizando vícios
O vento na asa da gaivota
trazendo a esperança dos pequenos.

VIDA

A alvorada cresce no pilar da memória
figuras e caos proporcionam o fim da razão
A espera do labirinto numa flor desnuda
laterais e lacunas de um espelho quebrado
O canto na contramão do vasto céu
inaugura a filosofia do querer ser
A vida se inaugura no tempo incontido dos amantes
Águas que lavam a sede das pedras
No destino incerto, os pássaros
sobrevoadam o mar em infinito abismo
Vida que cobre as margens inquietas do tempo
espera a escrita na esfera ofertada
na mão do aedo, que chora ao ver seu cântico
em visão terrestre, no calcanhar da esperança
A vida se mostra em palavra auscultada
pelo presente dos seres em redemoinho
Biologia dos entes que se transformam
pela vastidão do verbo desencarnado em vida.

PENSAR

O pensar que se mostra no penhasco
esconde um enigma que não teimo em decifrar
Mistério que encobre as nuvens apartadas do céu
Navegando em doces corcéis de lenha
o homem procura a infinda imagem do abismo
tentando preenchê-lo com água que nunca se acaba
Pensar nas vidas dos seres em vida expansiva
que sacrifica o rito em nome do mito
Ser que se constrói com tijolos de vento
cai em escadas marrons do tempo onipresente
Pensar na não imagem da morte
me faz abraçar mais a vida
que se descortina no rosto dos astros
teimando em alcançar a terra em rápida distância
Pensar, abarcar e enigmar o espelho com franjas
de seus cabelos pretos deixam entrever
o sol extraído do verbo
transformado em linguagem inaugural
que corrói o tempo.

BICICLETAS

A bicicleta percorrendo a mata vibrante
Engolindo os sopros nauseantes
os meninos brincam na véspera da primavera
Graça ao ver os pincéis desenhando as flores
que dormirão no próximo inverno rigoroso
As bicicletas rodopiam na estrada de amêndoas
enquanto tu lêes sobre a morte da chuva
respingando na aurora quente da esperança
Barulhos que sentem a dor dos pés
ao levitar na corrente dos céus estrelados
A mágoa reflete a espera das manhãs
reduzidas nas noites dormentes do nexo
Ritmos vagabundos dos instrumentos
fazendo grávidas alcançarem as árvores
O lago reflete as rodas das bicicletas
que brincam como morcegos barulhentos
As bicicletas continuam lá,
mesmo que os espíritos vaguem sozinhos
As crianças fazem estações
com os gritos estampados de lua
A bicicleta anônima
se esconde no pé das torres em pranto
O moinho sacode os ventos inquietos
para o lado oposto da lua
As bicicletas dormem
enquanto a noite vasculha o espaço de seus olhos.

CORPOS

Fogo que se abrasa em um corpo que bebo
derrama no meu corpo as letras de seu nome
O vento se esconde na soleira da porta
E sua vida se expõe na minha boca sedenta
Durmo, pensando no seu corpo de vésperas
que ilumina meu rosto exclamativo
Sua língua enaltece meus olhos famintos
que vagam sem asas pelo céu de diamantes
caindo no seu corpo vaga-lume
Corpo num copo de vértebras
que se enroscam na madrugada do nada
Torpor de um corpo insano, dormindo
na noite do desespero da espera
Corpos que nadam à beira do abismo
expõem seus versos no ar latejante do espaço.

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em setembro de 2020.
